AS COBAIAS ESQUECIDAS

Roma e Sinti, experimentação médica em Auschwitz e a responsabilidade de lembrar

Pesquisa e texto: Sandra Fabrícia Cândido Teodoro - San Cândido

Realização institucional: Urban Nomades Brasil - Coletivo Roma e Sinti de Memória e Direitos Humanos

Eixo: Samudaripen • Memória • Direitos Humanos • Combate ao Antigitanismo

Antes das cobaias, existiam pessoas

Quando falamos sobre as experiências médicas realizadas em Auschwitz, alguns nomes tornaram-se conhecidos mundialmente. Josef Mengele é provavelmente o mais lembrado.

Mas existe uma parte dessa história que ainda permanece insuficientemente conhecida: Roma e Sinti também foram vítimas da experimentação médica e pseudocientífica realizada no complexo de Auschwitz-Birkenau. Entre essas vítimas estavam crianças, gêmeos, pessoas selecionadas por determinadas características físicas, prisioneiros adoecidos pelas condições do campo e pessoas transformadas em sujeitos involuntários de pesquisas e testes farmacológicos.

Contar essa história exige um cuidado fundamental: não reduzir novamente essas pessoas aos experimentos aos quais foram submetidas.

> **Antes de serem números, tinham nomes.**
> **Antes de serem prisioneiros, tinham famílias.**
> **Antes de serem chamados de “cobaias”, eram seres humanos.**

Samudaripen: a história que antecede Auschwitz

A perseguição contra Roma e Sinti não começou em Auschwitz. Sob o regime nazista, Roma e Sinti foram progressivamente submetidos à perseguição racial: registro, restrições profissionais e matrimoniais, trabalho compulsório, confinamento e, posteriormente, deportação e extermínio.

Esse processo integra aquilo que hoje denominamos Samudaripen, uma das denominações utilizadas para o genocídio de Roma e Sinti durante o regime nazista e seus aliados. Falar do Samudaripen significa falar de assassinato e perseguição, mas também de uma política que procurou retirar progressivamente dessas pessoas sua condição de sujeitos de direitos.

Roma e Sinti em Auschwitz-Birkenau

Em dezembro de 1942, Heinrich Himmler determinou a deportação dos Roma e Sinti que ainda permaneciam no Reich, e as normas de implementação emitidas posteriormente estabeleceram Auschwitz como destino. Em fevereiro de 1943 começaram as deportações para Auschwitz-Birkenau.

No setor BIIe de Birkenau foi criado o chamado Zigeunerlager ou Zigeunerfamilienlager - terminologia histórica encontrada nos documentos dos perpetradores e que precisa ser utilizada com contextualização. Era o chamado “campo familiar cigano”. “Familiar”, entretanto, não significava proteção. Significava que famílias inteiras permaneciam aprisionadas: homens, mulheres, idosos e crianças.

Segundo o Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau, aproximadamente 23 mil Roma e Sinti foram deportados para Auschwitz. Cerca de 21 mil foram registrados; outros foram assassinados sem sequer terem sido incorporados aos registros do campo. Aproximadamente 21 mil Roma e Sinti deportados para Auschwitz morreram ou foram assassinados.

Entre os deportados havia cerca de 11 mil crianças e jovens Roma e Sinti. Aproximadamente 9.500 tinham menos de 15 anos. Esses números ajudam a compreender a dimensão do crime. Mas nosso trabalho de memória começa justamente onde o número termina: cada número representa uma pessoa.

Josef Mengele e Roma e Sinti

Entre o final de maio de 1943 e agosto de 1944, Josef Mengele exerceu a função de médico-chefe do chamado campo Roma em Auschwitz-Birkenau. A pedido do Instituto Kaiser Wilhelm de Antropologia, Hereditariedade Humana e Eugenia, realizou estudos antropológicos envolvendo grupos raciais, especialmente Roma e Sinti, além de demonstrar particular interesse por gêmeos, sobretudo gêmeos idênticos.

Medições corporais, fotografias, exames, coletas e outros procedimentos integraram essas pesquisas. Algumas experiências terminaram com a morte das vítimas. O Museu de Auschwitz registra casos de crianças Roma submetidas aos experimentos de Mengele que foram mortas por injeção de fenol para que a autópsia pudesse constituir a etapa final do experimento.

Não estamos diante apenas de “medicina sem ética”. Estamos diante da utilização da medicina dentro de um sistema que havia previamente retirado de determinados seres humanos a proteção que deveria ser conferida a qualquer paciente.

As crianças

A presença das crianças torna esse capítulo particularmente doloroso. O Museu de Auschwitz estima que cerca de 232 mil crianças e jovens foram deportados para Auschwitz, entre eles aproximadamente 216 mil judeus e 11 mil Roma e Sinti.

No setor Roma chegou a existir um chamado Kindergarten, uma espécie de creche ou pré-escola. Mengele utilizou crianças desse espaço em suas pesquisas. A existência de um espaço denominado “jardim de infância” dentro de Auschwitz é uma das contradições mais perturbadoras dessa história, porque aquelas crianças continuavam sendo prisioneiras de um sistema concentracionário.

Gêmeos deixavam de ser vistos apenas como crianças e passavam a ser vistos como oportunidade experimental. É exatamente essa transformação da pessoa em material de pesquisa que precisamos compreender.

Noma: quando a doença produzida pela miséria se transforma em objeto de pesquisa

Um dos capítulos menos conhecidos das pesquisas de Mengele entre Roma e Sinti envolve a noma. A noma - também denominada cancrum oris ou estomatite gangrenosa - é uma doença gangrenosa grave e rapidamente progressiva da boca e da face.

A Organização Mundial da Saúde explica que ela afeta sobretudo crianças pequenas em situações de pobreza extrema e está fortemente associada a fatores como desnutrição, infecções, comprometimento imunológico e saúde bucal precária. A OMS reconheceu a noma em 2023 como doença tropical negligenciada.

Em Auschwitz, a doença apareceu entre crianças e jovens Roma e Sinti. O Museu de Auschwitz relaciona sua ocorrência às péssimas condições de vida e à desnutrição existentes no campo. Mengele iniciou pesquisas sobre a doença, suas causas e seu tratamento.

Existe uma perversidade histórica profunda nesse episódio: as crianças eram submetidas a condições que favoreciam o adoecimento e, posteriormente, seus próprios corpos adoecidos transformavam-se em objeto de investigação.

Há, entretanto, uma distinção documental indispensável. Não é correto afirmar simplesmente que Mengele “infectava crianças Roma com noma”. A documentação disponível indica que a doença surgiu entre crianças e jovens profundamente debilitados e que Mengele passou a pesquisá-la. Essa precisão importa. Memória também é compromisso com a verdade documental.

Auschwitz não teve apenas os experimentos de Mengele

Quando se fala em experiências médicas em Auschwitz, existe uma tendência de concentrar toda a história na figura de Josef Mengele. Isso produz uma visão incompleta.

O Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau documenta diferentes programas de experimentação realizados por médicos das SS. Houve experiências de esterilização, procedimentos cirúrgicos sem necessidade médica, procedimentos realizados como treinamento e também experimentação farmacológica em seres humanos aprisionados.

É neste ponto que aparecem IG Farben e Bayer.

IG Farben, Bayer e Auschwitz

Durante o período nazista, a Bayer integrava o gigantesco conglomerado químico alemão IG Farbenindustrie.

Entre 1941 e 1944, médicos das SS utilizaram prisioneiros de Auschwitz para testar a tolerabilidade e a eficácia de novos preparados farmacológicos. Segundo o Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau, esses médicos atuavam em nome da IG Farbenindustrie e, principalmente, da Bayer, que fazia parte do conglomerado.

Portanto, existe documentação histórica que permite falar da relação entre a experimentação farmacológica realizada em Auschwitz e IG Farben/Bayer. Mas existe igualmente uma responsabilidade historiográfica: não podemos transformar todas as experiências realizadas em Auschwitz em “experimentos da Bayer”. As pesquisas de Mengele e os testes farmacológicos são conjuntos distintos de crimes, embora coexistam dentro da história de Auschwitz.

B-1012, B-1034, B-1036: o que significavam esses códigos?

Nos documentos relacionados à experimentação farmacológica aparecem designações como B-1012, B-1034, B-1036, 3582 e P-111. Também aparecem preparados denominados Rutenol e Periston.

O Museu de Auschwitz registra esses nomes como preparados ou medicamentos utilizados para testar tolerabilidade e eficácia em prisioneiros. Alguns produtos ainda não possuíam nome nessa etapa e eram identificados pelos números utilizados durante seu processo de desenvolvimento.

Isso é importante para não atribuir artificialmente uma composição química a cada código quando a documentação consultada não permite fazê-lo com segurança.

Como esses preparados eram utilizados?

Segundo a documentação do Museu de Auschwitz, os preparados eram administrados em diferentes formas e diferentes doses a prisioneiros que sofriam de doenças contagiosas.

Os registros descrevem consequências graves, incluindo distúrbios gastrointestinais, vômitos com sangue, diarreia dolorosa com sangue e comprometimento do sistema circulatório. Para muitos prisioneiros, a experimentação significou a morte.

Material educativo do Museu descreve o emprego de diferentes formas de produtos farmacêuticos - incluindo cremes, líquidos, comprimidos e xaropes - e o acompanhamento das reações dos prisioneiros, como alterações de temperatura e outros sintomas.

Aqui está uma das questões centrais deste artigo: essas pessoas não eram voluntárias. Não eram participantes livres de um estudo clínico. Eram prisioneiros submetidos ao poder absoluto de um sistema concentracionário. Não havia consentimento livre. Não havia possibilidade real de simplesmente abandonar o experimento.

Be-1034: quando o objeto permanece

Na coleção histórica do Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau encontra-se preservada uma embalagem de ampolas do preparado Be-1034, identificada pelo próprio Museu como um preparado testado pela Bayer em prisioneiros de Auschwitz.

É um objeto pequeno, mas seu significado histórico é imenso. Porque atrás daquele código havia seres humanos.

> **Quando olhamos para "Be-1034", não deveríamos enxergar somente uma embalagem farmacêutica.**
>
> **Precisamos perguntar: Quem recebeu aquilo? Quem observou os efeitos? Quem registrou as reações? Quem sobreviveu? Quem morreu? E quais nomes ainda conseguimos recuperar?**

Roma e Sinti receberam especificamente esses preparados?

Sabemos documentalmente que Roma e Sinti foram vítimas de experiências médicas e pseudomédicas em Auschwitz. Sabemos também que prisioneiros de Auschwitz foram utilizados nos testes farmacológicos relacionados à IG Farben e à Bayer.

Mas essas duas afirmações não nos autorizam, sozinhas, a afirmar que determinado preparado - B-1012, B-1034 ou B-1036 - foi administrado especificamente a determinada criança, mulher ou homem Roma ou Sinti. Para fazer essa ligação individual, precisamos de documentação específica.

Essa distinção não enfraquece nossa denúncia histórica. Ao contrário: fortalece sua credibilidade. Nossa responsabilidade não é produzir a narrativa mais chocante. É produzir a narrativa que a documentação permite sustentar.

Não eram cobaias. Eram pessoas.

É justamente por isso que escolhemos o título As Cobaias Esquecidas. A palavra "cobaia" não define essas pessoas. Ela descreve aquilo em que o sistema tentou transformar seus corpos.

A linguagem do experimento fala em números, sintomas, medições, doses, respostas e resultados. A memória precisa perguntar pelos nomes, pelas famílias, pelas infâncias interrompidas, pelas línguas que falavam, pelas comunidades às quais pertenciam e pelas histórias que teriam vivido caso não tivessem sido perseguidos.

Da experimentação criminosa ao Código de Nuremberg

Depois da Segunda Guerra Mundial, médicos nazistas foram julgados no chamado Julgamento dos Médicos, realizado em Nuremberg. A sentença de agosto de 1947 estabeleceu dez princípios para a realização de experimentos médicos permissíveis. Esses princípios ficaram conhecidos como Código de Nuremberg.

Seu primeiro princípio tornou-se fundamental para a história da ética em pesquisa: o consentimento voluntário do participante humano é essencial.

Quando pronunciamos hoje palavras como consentimento, autonomia, risco, dignidade e direitos do participante de pesquisa, é importante lembrar a história que tornou essas questões incontornáveis. O Código de Nuremberg não devolveu a vida às vítimas, mas transformou parte da experiência dos crimes médicos nazistas em um marco ético que continua sendo estudado.

Memória Roma e Sinti não é uma nota de rodapé

Falar especificamente das vítimas Roma e Sinti não significa estabelecer uma competição de sofrimento. A Shoah possui sua história e sua especificidade. O Samudaripen possui sua história e sua especificidade. Outros grupos também foram perseguidos pelo regime nazista. Reconhecer uma memória não exige apagar outra.

O problema surge quando Roma e Sinti aparecem apenas como uma frase secundária dentro de narrativas muito maiores e sua própria experiência histórica permanece desconhecida. É por isso que precisamos produzir pesquisa, documentação, educação e memória a partir também das vozes Roma.

Por que contar essa história hoje?

Porque Auschwitz não começou no último capítulo.

Antes do assassinato em massa houve classificação. Houve teorias raciais. Houve registros. Houve exclusão. Houve retirada de direitos. Houve a transformação de pessoas em categorias. E houve profissionais e instituições capazes de colocar conhecimentos médicos e científicos a serviço de uma estrutura que havia decidido que determinadas vidas possuíam menos valor.

Estudar Auschwitz não significa afirmar que qualquer situação contemporânea seja equivalente ao nazismo. Significa compreender historicamente como processos de desumanização podem ser construídos e normalizados. Esse é um dos sentidos de “Nunca Mais”.

As entrevistas: memória em voz

Este artigo acompanha duas entrevistas dedicadas ao tema “As Cobaias Esquecidas nas Experiências Médicas de Auschwitz”.

Nas conversas, abordamos o Samudaripen, a presença Roma e Sinti em Auschwitz-Birkenau, Josef Mengele, as crianças submetidas a pesquisas pseudomédicas, a noma, a experimentação farmacológica, IG Farben/Bayer, os preparados B-1012, B-1034 e B-1036, o consentimento e o legado do Código de Nuremberg.

As entrevistas integram um trabalho mais amplo de memória, documentação e educação em direitos humanos.

[ENTREVISTA 1 - inserir vídeo/áudio no site]

[ENTREVISTA 2 - inserir vídeo/áudio no site]

A responsabilidade de lembrar

Quando falamos das cobaias de Auschwitz, precisamos fazer o caminho contrário ao realizado pelos nazistas.

> **Eles transformaram pessoas em categorias, números e objetos.**
>
> **A memória precisa devolver nomes aos números. Histórias aos corpos. Famílias às estatísticas. Humanidade àqueles que tentaram apagar.**
>
> **Não eram números. Não eram objetos. Não eram cobaias. Eram pessoas.**
>
> **É por isso que precisamos falar sobre o Samudaripen.**

Sobre a autora

Sandra Fabrícia Cândido Teodoro - San Cândido desenvolve trabalhos de pesquisa, memória, educação e direitos humanos relacionados aos povos Roma e Sinti, com especial atenção à preservação e transmissão da memória do Samudaripen.

Sua atuação integra as iniciativas da Urban Nomades Brasil - Coletivo Roma e Sinti de Memória e Direitos Humanos, voltadas à memória histórica, documentação, educação, combate ao antigitanismo e fortalecimento do protagonismo Roma e Sinti.

Referências documentais e bibliográficas

Auschwitz-Birkenau State Museum. Sinti and Roma in Auschwitz.
https://www.auschwitz.org/en/history/categories-of-prisoners/sinti-and-roma-in-auschwitz/

Auschwitz-Birkenau State Museum. Roma Children.
https://www.auschwitz.org/en/history/fate-of-children/roma-children

Auschwitz-Birkenau State Museum. Josef Mengele.
https://www.auschwitz.org/en/history/medical-experiments/josef-mengele/

Auschwitz-Birkenau State Museum. Doctor Josef Mengele and his experiments in the camp.
https://www.auschwitz.org/en/education/e-learning/podcast/doctor-josef-mengele-and-his-experiments-in-the-camp/

Auschwitz-Birkenau State Museum. Other doctor-perpetrators.
https://www.auschwitz.org/en/history/medical-experiments/other-doctor-perpetrators/

Auschwitz-Birkenau State Museum. Medical experiments.
https://www.auschwitz.org/en/history/medical-experiments/

Auschwitz-Birkenau State Museum. Historical Collection - SS objects (Be-1034).
https://www.auschwitz.org/en/gallery/historical-collection/ss-objects%2C4.html

United States Holocaust Memorial Museum. Josef Mengele.
https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/josef-mengele

United States Holocaust Memorial Museum. Nazi Medical Experiments.
https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/nazi-medical-experiments

United States Holocaust Memorial Museum. The Nuremberg Code.
https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/the-nuremberg-code

World Health Organization. Noma.
https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/noma

Pesquisa e texto: Sandra Fabrícia Cândido Teodoro - San Cândido

Realização: Urban Nomades Brasil - Coletivo Roma e Sinti de Memória e Direitos Humanos

Samudaripen • Memória • Verdade • Direitos Humanos